

Pobres &

Nojentas



"Nojenta" é a pessoa que questiona velhos valores, cria o novo e persegue vida boa e bonita para todos

Florianópolis (SC), janeiro/fevereiro de 2007 - Ano 1 - Nº 05 R\$ 4,00

- A arte de benzer
- Volta para a terra



Carne de cão à venda

Foto: Janice Miranda



Márcia tenta resgatar a vida plena depois da luta contra a LER

A dor da indiferença no mundo do trabalho

3 **Editorial**

4 **Saúde**
Lesões que adoecem o corpo e a alma

7 **Reforma agrária**
De volta ao campo

10 **Meio ambiente**
A ecoarte de Recicleide

13 **Crônica**
O pai que tive e que ficou comigo

14 **Ossos do ofício**

15 **Integração**
Bloco regional busca poder popular

18 **Crônica**
Caminhando na beleza

19 **Saber popular**
Guardiãs da fé

21 **As delícias de Su&Li**

22 **Perfil**
La Violeta Parra

24 **Direitos dos animais**
Bom abrigo contra a dor

26 **Tempo livre**
Piores momentos de *Pobres & Nojentas*

Arquivo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



Companhia dos Loucos

Cooperativa da palavra libertária, criadora, caminheira. Não quer lucro, nem fama. Sonha derrubar muros que separam e escondem aqueles que têm a sua palavra calada, mutilada, censurada, castrada, quebrada, torturada, em nome do lucro, do mercado, da competição.

Viajeiros da palavra:

- Elaine Tavares
- Janice Miranda
- Marcela Cornelli
- Maria José H. Coelho
- Míriam Santini de Abreu
- Ricardo Casarini Muzy
- Raquel Moysés
- Paulo Zembruski
- Rosângela Bion de Assis
- Sandra Werle

Jornalista

Elaine Tavares
(MTB/SC 00501-SC)

Endereço eletrônico:

eteia@gmx.net

Projeto gráfico e Editoração

Rosângela Bion de Assis
(MTB/SC 00390-SC)

Antônio Carlos da Silva fez as ilustrações da capa e da contracapa

Florianópolis - SC

A quinta edição da revista *Pobres & Nojentas* irrompe em meio às notícias atordoantes sobre o aquecimento da Terra e as conseqüências para a vida. Aqui surgem histórias de mulheres e homens que, para além dos discursos cínicos, buscam formas delicadas e respeitosas de se relacionar com o ambiente. São ricas experiências de vida, marcadas pela incapacidade de lidar com banalidades do tipo “deixa, o mundo é assim mesmo”.

Por aqui desfila Inês, que benze cobreiro, “arca caída”, mau-olhado, e quer transmitir para outra pessoa a

reza e o ritual fortes que ajudam a curar; também aparece a Lurdes, mineira cheia de fé que descobriu a cidade, mas agora busca terra para poder plantar e ter uma vida mais tranqüila.

E há a Recicleide, personagem criada por uma gaúcha para falar sobre o perigo de continuarmos indiferentes diante da capacidade limitada da natureza de produzir recursos e atender nosso consumo excessivo. A edição também conta a luta de Shirley pelos direitos dos animais, que a sociedade muitas vezes trata como mercadorias. Gente, bicho, planta, todos num planeta que permite à vida vicejar. Até quando?

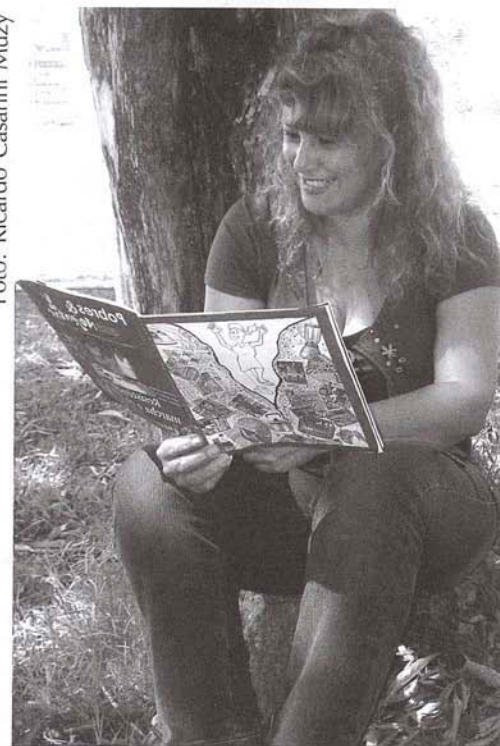
Página nova na internet

A *Companhia dos Loucos*, que edita *Pobres & Nojentas*, inaugura uma nova página da publicação na internet para que os leitores conheçam novidades relacionadas à proposta da revista. O sítio também é espaço de venda e conhecimento dos materiais da Companhia, que já tem vários livros impressos, sempre dentro da lógica da libertação da palavra. Jovens escritores, temas marginais e muita vontade de mudar o mundo.

A página foi feita pelo estudante de Física Anderson Gonçalves dentro da proposta de trabalho voluntário da revista. O conteúdo das edições anteriores vai estar disponível em breve. Acesse agora www.pobresenojentas.org

www.pobresenojentas.org

Foto: Ricardo Casarini Muzy



Ana Maria Cardoso, trabalhadora em sindicato, lê *Pobres & Nojentas*

Lesões que adoecem o corpo e a alma

Danos por esforço repetitivo atormentam trabalhadores

Por Janice Miranda, de Florianópolis

“Todo dia ela faz tudo sempre igual”. Os versos do compositor Chico Buarque na canção *Cotidiano* parecem ter sido feitos por encomenda para os trabalhadores e trabalhadoras

Fotos: Janice Miranda



A lesão deixou marca na mão em forma de garra

que, mundo afora, têm em sua rotina movimentos repetitivos. Movimentos que, também mundo afora, têm levado à aposentadoria precoce milhares de pessoas. Rotinas de trabalho que podem causar danos irreversíveis ao corpo e à alma de quem é acometido por Lesões por Esforços Repetitivos, as LERs (rebatizadas pela Previdência Social com o nome de Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho, DORTs).

Tomei conhecimento do termo LER pela primeira vez em minha vida profissional há dez anos. Entrevistei uma bancária, então presidente da Associação dos Portadores de LER, que, seriamente lesionada, não conseguia sequer pentear os cabelos, tamanha era a dor. Aquele relato nunca mais saiu da minha cabeça. A idéia

de escrever novamente sobre o tema veio pela proximidade do dia 28 de fevereiro, Dia Mundial de Combate à LER/DORT, uma possibilidade a mais para escancarar esse tumor do mundo do trabalho.

A história de Márcia Platt, sentada à minha frente para a entrevista, ilustra também de forma chocante esse problema, que pode aposentar um trabalhador não só do exercício da profissão, mas de sua própria vida, nos seus multifacetados aspectos. A lesão em Márcia deixou uma marca indelével no corpo: a mão direita tomou o formato de uma garra, não fecha nem abre totalmente. No rosto, nos olhos e nas palavras, sempre diretas, essa mulher de 49 anos deixa transparecer a mágoa, por todo o preconceito e discriminação que enfrentou,

principalmente entre colegas de trabalho. Mágoa que vem lhe custando anos de psicoterapia.

Concursada, Márcia praticamente começou a vida profissional em 1978 no Banespa, Banco do Estado de São Paulo, na sede em Florianópolis. O banco deixou de ser público em 20 de novembro de 2000, quando foi privatizado. Hoje é o Santander Banespa, parte do grupo financeiro espanhol. Sua atividade principal era o atendimento ao público, abrindo contas para pessoas físicas e jurídicas. Cheia de entusiasmo pelo novo emprego, no início mal percebeu o estrago que o posto de trabalho e o excesso de atividades iriam lhe causar. “Na minha época já havia cobrança por metas, pela venda de produtos bancários. E eu era uma das melhores *vendedoras* da agência”, conta ela.

Além da cobrança, os bancários conviviam com uma ameaça constante. Os colegas falavam da existência de uma lista “dos dez mais”, que continha o nome de futuros dez desempregados. Na ameaça, que existia mesmo, o assédio moral, conceito ainda desconhecido dos trabalhadores e fator de sério risco para a saúde física e mental de qualquer um.

Durante todo o expediente, Márcia ficava sentada em uma posição extremamente incômoda, de

frente para a máquina datilográfica e de lado para o cliente. Para fazer as perguntas de praxe, olhar no olho do correntista e não perder tempo no preenchimento do cadastro – o tempo, sempre o tempo – a bancária movia só a cabeça e o pescoço para a direita, mecanicamente. Dezenas, centenas de vezes, todos os dias. As dores começaram a aparecer. Márcia pediu à chefia para trocar a posição da máquina, para ficar de frente para o cliente. O chefe disse que não era possível mudar o *layout* da agência. “Ele checava todos os dias se as máquinas nas mesas estavam perfiladas, retinhas”, lembra Márcia.

Quando abria contas de empresas, a bancária ficava bastante tempo com a cabeça flexionada para baixo, para ler longos contratos na íntegra. Depois grifava as palavras que deveriam ser datilografadas e digitadas. “Eu fazia o trabalho em duplicata, em triplicata”, diz Márcia. Aquela atividade contribuiu para o surgimento de fortes dores no pescoço e na coluna. Ela trabalhou durante os planos econômicos que mais mexeram com a vida dos brasileiros nos últimos anos. Nos tempos de hiperinflação, Márcia lembra que filas imensas se formavam na agência para resgate dos investimentos. “Era muito desgastante. Teve cliente que quase me esganou, desesperado pra pagar

contas no mesmo dia”, conta.

Para atenuar as dores que sentia, Márcia passava o expediente à base de remédios, todos os dias. Já quase sem agüentar a jornada de trabalho, que se tornava um suplício, ela conseguiu uma transferência de setor. Não atenderia mais o público e pensou que tudo mudaria. “Tem dias que é difícil atender as pessoas, porque a gente tem que estar sempre sorrindo, bem-humorada. E trabalhar com dor, o dia todo, é um tormento”, lamenta.

Mas a nova rotina, que deveria ser de conferência de relatórios, acabou ganhando outras tarefas. A cada dia ela digitava mais. “Como eu era muito rápida, a chefia trazia mais e mais trabalho”, relata Márcia. As dores intensas continuaram. Até o dia em que o corpo não suportou mais e decidiu dar um basta. Foi em 1994, no refeitório, durante um rápido lanche. O braço direito de Márcia começou a se mover sozinho, descontroladamente. Assustada, ela foi a um ortopedista que, de imediato, lhe afastou do trabalho por trinta dias.

Márcia havia adquirido lesões graves nos ombros, no punho e cotovelo esquerdos. “Eu disse ao médico que não poderia sair porque tinha muito trabalho. Como as coisas iam ficar na agência?”, relembra ela, para quem o trabalho bancário era um motivo de or-

Todo dia eu só
penso em
poder parar
Meio-dia eu só
penso em
dizer não
Depois penso na
vida pra levar
E me calo com a
boca de feijão
(Chico Buarque)



Márcia mostra um dos locais onde tem sérias lesões

O seu trabalho faz de você candidato a ter LER/DORT?

- Repetitividade de movimentos?
- Ritmo de trabalho intenso?
- Falta de tempo até para ir ao banheiro?
- Necessidade de ficar parado ou sentado durante muito tempo seguido?
- Móveis e equipamentos incômodos?
- Cobrança contínua para manter a produtividade?
- Cobrança contínua da chefia para produzir cada vez mais e errar cada vez menos?
- Incentivo à produção cada vez maior?
- Exigência de horas-extras?
- Dificuldade de interromper o trabalho até para dar uma respiradinha?
- Inexistência de canal para conversar sobre problemas no trabalho?
- Falta de flexibilidade de tempo?
- Ambiente frio?



Mesmo com dores, agora Márcia quer resgatar a vida

gulho e satisfação. Márcia ainda não sabia, mas jamais voltaria à sua atividade. Naquele período começou a *via crucis* em consultórios médicos e terapias, que dura até hoje, doze anos depois.

Afastada da rotina estressante

da agência, do compromisso de ter horário contadinho no relógio, das lides domésticas e até do lazer, Márcia acabou entrando em depressão. “Fiquei sem amigos, porque a metade era do trabalho e todo mundo se afasta. Em casa não podia fazer nada. Não podia praticar esporte. Até meu relacionamento íntimo foi afetado. Pensei: ‘Meu Deus, pra quê que eu sirvo?’”, revela Márcia que, com medo da dor, acabava se esquivando até de abraços. O abrigo emocional ficou por conta da família, que sempre esteve a seu lado. A atenção dos dois filhos, então adolescentes, e do marido – colega de trabalho de Márcia e ele próprio portador de LER/DORT - foi fundamental. “Meu marido e eu não sabíamos, mas estávamos na lista dos ‘dez mais’”.

Durante o afastamento, vários colegas chegaram a lhe perguntar se o que ela tinha era lepra. A bancária apo-

sentada lembra que, à época, havia um desconhecimento geral sobre a LER. Márcia teve as primeiras informações sobre o assunto por meio de uma cartilha do Sindicato dos Bancários de Florianópolis e Região. “Aí fui entender que o que eu e vários outros colegas sentíamos era decorrente de LER”, diz. Um dos muitos médicos a quem Márcia recorreu chegou a dizer que ela reclamava porque era “gorda e manhosa”. Mesmo em depressão, ela decidiu ir atrás de mais informações e tentar ajudar outras pessoas que também sofriam com LER. Com o apoio de um médico, passou a ter contato com integrantes de associações de outros estados.

Em 1996 fundou, com outras duas bancárias atingidas pelo mesmo problema, a Associação dos Portadores de LER (APLER Florianópolis). Na entidade, as pessoas lesionadas recebiam informações e orientações, até porque no mundo do trabalho e no meio sindical o tema ainda era incipiente. Márcia estima que 400 pessoas tenham sido auxiliadas no período de existência da Associação. “Acredito que, com o tempo, os sindicatos foram tomando pé

dessa situação, porque a procura caiu muito, tivemos dificuldades em manter a entidade aberta e decidimos encerrá-la”, explica Márcia, que foi presidente da Associação.

Os números na agência do Banespa

onde Márcia trabalhou são, no mínimo, preocupantes. Márcia ingressou com ação na Justiça contra o Banespa, para reparar danos morais e materiais. Dezesseis bancários ficaram lesionados e, desses, dez foram aposentados precocemente. E há um fato estarrecedor, não só segundo Márcia, mas também de acordo com avaliação de um juiz: “O banco mantém até hoje o mesmo mobiliário da época em que fiquei lesionada e deixa claro que não tem nenhum zelo pela saúde de seus trabalhadores”. Indignada, essa mulher forte diz que uma empresa assim, sem compromisso, deveria ter a porta lacrada. “Esse banco faz mal à saúde”, sentencia Márcia, que não desistiu de resgatar sua vida. Quando fala em futuro, ela conta, com um sorriso bonito, que está fazendo uma terapia onde usa argila e que está retomando seu lugar, aos poucos, sem pressa.

Saiba mais sobre a LER/DORT acessando os links:

- <http://www.sindadosba.org.br/compler.html>
- <http://www2.uol.com.br/prevler/Artigos/cenario.htm>
- <http://www2.uol.com.br/prevler/Livros/cartilha.pdf>



De volta ao campo

Nascida no interior de Bonfinópolis,
Lurdes luta por terra e vida

Por Elaine Tavares, de Florianópolis

Ela vivia no que pensava ser o paraíso, numa roça em Bonfinópolis, interior de Minas. Mas, aos oito anos de idade, se viu nua e se envergonhou. Correu até a avó e pediu: “Vó, eu não quero andar pelada. Quero roupa”. A índia pataxó não sabia tecer, então a primeira roupa que Lurdes teve foi o que chama de “caroça”, um saiote feito de palha, típico da cultura originária de onde veio sua avó, Benta. Ela não sabe se foi a roupa ou o quê, mas desde então, na cabeça da caboclinha,

começou a se desenhar um desejo de sair da roça, de ver gente, ver o mundo. E foi só aos 10 anos, quando toda a família saiu da roça e foi para a cidade, que Lurdes, finalmente, virou gente mesmo. Ganhou certidão de nascimento e já começou a trabalhar. Hoje, esperando terra num acampamento do MST, ela quer fazer o caminho inverso, sair da cidade e voltar para o campo.

A história de Lurdes não é diferente da de milhares



“Quando eu aprendi a juntar as letras foi tanta felicidade, foi a coisa mais linda que me aconteceu”

de outras garotas dos cantões do vale do São Francisco. A avó, quando mocinha, vivia numa roça no interior de São Romão e foi naquelas terras que encontrou o homem que viria a ser seu companheiro, Benedito. Ele era um “caboclo d’água”, branco, que vivia na beira de um córrego também por aquelas matas. Um dia, ele viu Benta colhendo frutas e assuntou de ficar com ela. Agarrou um laço comprido que tinha para pegar gado e laçou a indiazinha. “Eles nem casaram. Ela ficou com ele e foram vivendo juntos. Minha avó teve sete filhos e eles viviam ali, no mato, com medo de gente. Minha mãe nunca tinha visto um homem estranho quando conheceu meu pai”, conta Lurdes.

Maria das Virgens, a mãe de Lurdes, ainda não tinha completado 16 anos quando o pai dela, Benedito, chegou em casa com um homem que já devia ter uns 40 anos. “Ele jogou a mãe na garupa do cavalo do pai e eles foram para um povoadinho que tinha mais na frente, Porto de Manga, onde o pai registrou o casório”. Lurdes foi a terceira filha de Maria, que depois teve ainda mais dez. Como o pai tinha uma terrinha, eles viviam do que plantavam, mas tinha tempos em que comiam só melancia e cagaíta, um tipo de vegetação do cerrado que mata a fome quando é preciso. “Às vezes a gente ficava até três dias sem comer nada. Todo mundo anda-

va descalço e pelado. Quando a coisa apertava a mãe ia trabalhar na terra dos outros, colhendo arroz. Ela dava duro e voltava com as pernas tapadas de chamichunga. Tinha tempos em que ela também fazia esteira e vassouras e ia vender em Bonfinópolis. Era uma vida bem difícil para todos nós.”

E foi no dia em que não quis mais andar pelada que Lurdes botou na cabeça que queria estudar e ajudar a mãe a ter uma vida melhor. Cismando com isso, ela convenceu a irmã a fugir com ela para Bonfinópolis. A proposta era vagar pelos açougues pedindo osso para engrossar a sopa. Se conseguissem bastante osso poderiam voltar para casa com um bom suporte. Acabaram na casa de uma mulher que conhecia a mãe delas e o pai veio buscar. A volta foi triste, mas o germe da cidade tinha ficado plantado.

Poucos meses depois, impelido pelas circunstâncias, o pai se mudou para Bonfinópolis e Lurdes foi levada para trabalhar numa casa de família enquanto os irmãos pediam qualquer coisa nas ruas. A pobreza era grande. Muitas bocas para alimentar. Ela tinha só dez anos de idade e um corpo franzininho que quase não agüentava o peso do serviço. “Eu chorava, porque não sabia limpar a casa e nem mexer no fogão. Mas tive de aprender tudo na marra”. Foi só quando completou 14 anos que pôde fazer o que mais so-

nhara: ir para a escola. Morria de vergonha porque era muito velha na turma do primeiro ano, mas, ainda assim, enfrentava. Como ela fazia todo o serviço da casa e ainda cuidava dos filhos pequenos da patroa, era comum ir dormir só depois de uma hora. “Por isso vivia com sono e aproveitava a hora do recreio para dormir”. O sacrifício valeu. “Quando eu aprendi a juntar as letras foi tanta felicidade, foi a coisa mais linda que me aconteceu”.

Quando tinha 16 anos Lurdes conheceu o Miltinho,

que foi seu primeiro namorado. Coisa boba, só de bilhetinhos, mas ficou guardado na lembrança. O namoro não vingou porque ela foi embora para Imbiá, com uma nova família. Longe de casa, com essa família, ela experimentou a saudade, mas também um tempo de aconchego. “Eu não era tratada como empregada. Era como filha. Eles me botaram para estudar, cuidavam de mim”. Até que veio visitar os pais e eles não a deixaram voltar. “Eu chorei muito porque era a primeira vez que eu era bem-tratada e agora não ia ser mais”.

E foi meio na revolta que ela decidiu se casar. Pouco tempo depois de voltar para casa conheceu o Nego, um guri bonito, cabeludo, que lhe anunciava uma vida de alegria e aventura. “Decidi que ia cuidar da vida e casei. No dia seguinte fomos morar numa car-

voeira onde ele trabalhava. Chegando lá não tinha nem lugar pra dormir. Minha lua-de-mel foi dentro de um forno, no chão sujo. E aí começou tudo de novo, a fome, a miséria. Não dava para ficar. Decidimos voltar para Bonfinópolis e andamos um dia e uma noite até chegar. Eu estava grávida, foi um tempo feio. Talvez por isso o nenê tenha nascido morto.” Dois anos depois veio o Douglas, seu primeiro filho, hoje um motivo de imenso orgulho. O Nego seguia a vida de biscateiro, cortando lenha, fazendo serviço de pedreiro, de vaqueiro e o que viesse. No dia em que conseguiram erguer um barraco para morar, a casinha pegou fogo. “Foi um horror, quase perdi o Douglas. Decidimos então ir para João Pinheiro. A vida ia ter que mudar”.

Quem conhece a pequena Lurdes e o seu jeitinho meigo de ser não pode supor a força que ela tem. Sem nada além dos corpos de cada um, a família partiu decidida a mudar de vida. Em João Pinheiro, Nego seguiu fazendo bicos e Lurdes voltou a trabalhar em casa de família. Logo vieram mais dois filhos, a Daiane e o Dione. Com eles, mais força surgiu e o casal conseguiu construir um barraco num terreno da prefeitura que, anos mais tarde, acabou legalizado. Podia ficar assim, mas Lurdes jamais abandonaria a família que ficara em Bonfinópolis. Então, levantado o barraco, foi

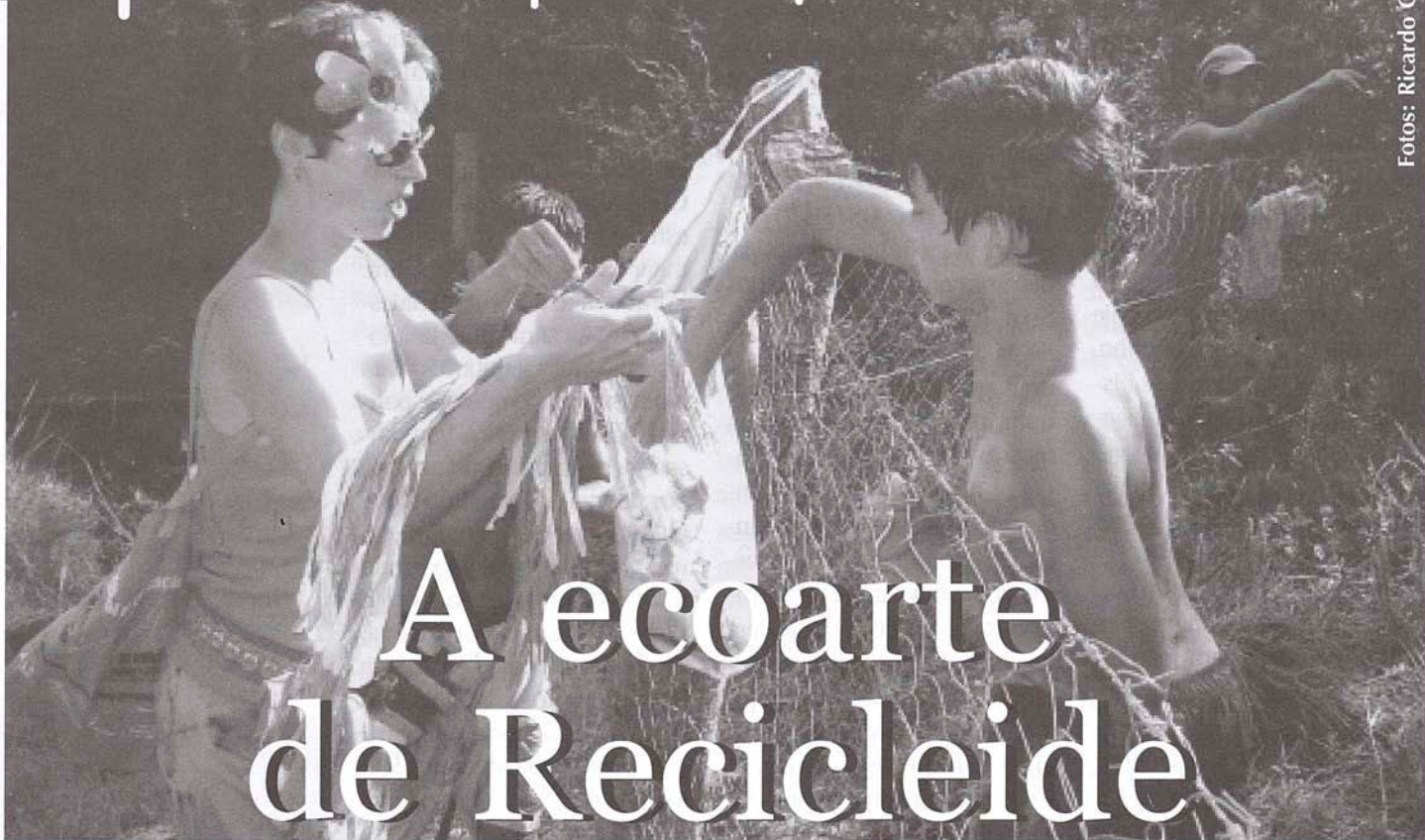
a vez de trazer todo mundo para a nova cidade. Hoje, vivem todos perto uns dos outros, inclusive o pai e a mãe, que moram no terreno ao lado. “A gente tem uma vida pobrezinha, mas tem muito amor entre nós.”

Enquanto batalhava para criar os filhos

e erguer a casinha, Lurdes se deparou com o Movimento dos Sem Terra. Havia uma grande área de terra, a Itatiaia, de uma antiga fazenda de eucalipto, que foi abandonada às moscas. Tanto espaço sem ninguém e tanta gente precisando de um lugar para viver juntou 180 famílias para a construção de um sonho: ter a própria roça. Lurdes e Nego estavam lá. Ocuparam as terras, ergueram barracos e principaram a lutar. Já vai para cinco anos que a peleia começou. Enquanto isso, dois grandes fazendeiros da região insistem em usar a terra, que nem é deles, para engordar gado. Estão na Justiça para ficar com ela. E os sem-terra também. Na luta entre o gado dos ricos e a gente pobre da região, a balança começa a pender para o lado das gentes. Uma decisão judicial mandou os fazendeiros tirarem o gado, mas nada ainda aconteceu. Como sempre, nessa queda-de-braço, o poder do dinheiro é um peso grande. “Eu tenho fé que a gente vai ter nossa terrinha. Aí eu vou poder plantar e ter uma vida mais tranqüila”.

Lurdes é assim. Ela não desiste. Mineirissimamente, de manso, com uma fé imensa, ela vai perseguindo o sonho, vai rompendo os medos, as dores, a fome. Assim criou três filhos. Um deles já está na faculdade. “Vai fazer o que eu não consegui: estudar. Ele é meu orgulho, é muito inteligente, faz Geografia. Ele diz que quando estiver bem na vida vai contratar uma professora pra mim. Porque sabe que eu queria estudar”. A outra filha, já adolescente, quer ser nutricionista e o menorzinho quer ser policial. “Eles vão ser o que quiserem e eu vou estar sempre por perto ajudando. Sou forte. Quando eu era pequena fui mordida por uma cobra e todo mundo dizia que eu ia morrer. Fiquei nove meses na cama, sendo tratada com benzeção e planta do mato. Vivi. Dois anos depois um cachorro mordeu a perna que tinha sido picada e morreu na hora. Acho que eu sou venenosa”, diz, entre risos. Não, não é. Lurdes é uma guerreira, dessas que vicejam no vale do São Francisco, no cerrado mineiro. Uma mulher de fibra, que luta e conquista. Uma pequena valente, solidária, audaciosa e terna. A filha de Maria que saiu do mato, lutou, sofreu, mas soube encontrar o caminho para a felicidade. A vereda coletiva da luta conjunta, da participação. Hoje, fazendo bolinhos de café, ela sabe que a terra virá. Porque tem toda uma gente caminhando no mesmo passo. “Nós vamos conseguir”. E eu tenho certeza disso.





A ecoarte de Recicleide

Casal usa personagem para proteger água e terra de bairro de Florianópolis

Por Ricardo Casarini Muzy
de Florianópolis

Mais um domingo de sol forte. Dia 14 de janeiro, Florianópolis. Alta temporada. A ilha da magia fica completamente lotada, pessoas de diversas regiões do Brasil e de outros países viajam para a capital de Santa Catarina para desfrutarem da beleza e dos encantos das suas 42 praias. Ruas, praças, praias, lojas, praticamente

tudo fica cheio de turistas. O trânsito é complicado. A região norte da ilha é uma das que mais sofre com a quantidade de veículos que circulam na cidade. Outros problemas enfrentados no verão são a falta de água, saneamento e a grande quantidade de lixo que se espalha por toda ilha. Além disso, relatórios de balneabili-

dade do litoral de Santa Catarina, divulgados pela Fatma (Fundação do Meio Ambiente) no mês de janeiro, revelam que, dos 59 pontos estudados, 16 estão impróprios para banho.

São João do Rio Vermelho fica no norte da ilha. Considerado um bairro de periferia e com características ainda rurais, o Rio Vermelho tem uma

realidade que, durante a temporada, destoa em relação aos outros pontos mais turísticos da cidade. Ali ainda se pode caminhar tranqüilo, não tem muito trânsito, dá para ouvir os pássaros, e até fazer uma cavalgada ou passear de carroça. Embora a população do bairro também aumente durante o verão, ali ainda é um dos lugares mais protegidos da ilha. Parece até outra cidade. A maioria dos moradores se conhece e as crianças brincam livres pelas ruas. Quem mora no bairro geralmente frequenta a praia do Moçambique, a mais próxima. O acesso é através de algumas trilhas que atravessam as dunas, a restinga e vão até a praia, que é a mais extensa de Florianópolis, 18 quilômetros.

Um das trilhas mais utilizadas é a da rua da Nascente do Rio Vermelho, que preserva características especiais. É onde brota da terra o fio de água que forma o rio Vermelho. Um lugar encantador. A maioria dos moradores da rua vive ali há muitos anos, todos se conhecem. Como é uma vereda sem saída, só passa pela trilha quem frequenta as casas ou vai para a praia.

Num desses domingos de sol forte e altas temperaturas, foi organizado um mutirão para limpar a nascente. Placas coloridas com avisos de preservação foram instaladas e, comandados por uma personagem defensora do meio ambiente, a "Recicleide", crianças e adultos se divertiram e ajudaram a limpar o mundo.

Recicleide é uma personagem criada por Karina Signori, que é natural de Caxias do Sul. A gaúcha vive há alguns anos na rua da nascente do rio Vermelho, junto com

o companheiro Márcio Mortali. Ele é biólogo e ela, formada em Arte Dramática na URGs. Conheceram-se nos corredores da universidade e não se largaram mais. Hoje, vivem numa casinha de madeira, totalmente ecológica, que tem captação de água da chuva, energia solar e banheiro seco, bem no final da rua que dá acesso à nascente. Quem vai para a trilha obrigatoriamente passa por ali. Não há quem não preste atenção. Quase sempre Márcio está trabalhando no terreno da casa. Com uma camiseta amarrada na cabeça e um par de botas sete léguas nos pés, ele vai deixando o lugar encantado. Karina chama o lugar de *Reciclópolis*, e é a casa de Recicleide, a defensora do meio ambiente.

A personagem nasceu em 1999 e sua primeira aparição foi no aniversário de nove anos da coleta seletiva do lixo em Porto Alegre, contratada pelo DMLU (Departamento Municipal de Limpeza Urbana). Karina conta que Recicleide apareceu pronta

"Pensar globalmente e agir localmente" é um dos lemas de Recicleide, que pretende seguir seus dias de existência no planeta defendendo a natureza, através do que chama de 'ecoarte' "



Crianças participam de mutirão na nascente do Rio Vermelho

em sua mente, já com nome, roupa e personalidade. "Foi assim que ela floresceu." Em Porto Alegre fez várias parcerias, com a ONG Sea Shepherd do Brasil, na Semana da Água no Jardim Botânico, com o Centro Comunitário que organiza o Movimento pela Paz no Parque Chico Mendes, com a Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM), onde participou do Porto Verão 2000, e atuou no Plano de Manejo do Parque Saint' Hilaire (2001/2002).

Depois desta incursão pela capital gaúcha, passou a atuar em outros espaços. Num projeto chamado Circo Ambiental, percorreu a maioria das cidades do Rio Grande do Sul. Determinada, e com cada vez mais vontade de aprender e compartilhar com as outras pessoas, ganhou o mundo. Em 2000 foi passar um tempo na Itália, também atuando em circo, e depois foi morar no sul da Inglaterra. De volta à capital gaúcha, ajudou a organizar o Fórum Lixo/Cidadania, durante o Fórum Social Mundial de 2003 e 2005. Firmou outras parcerias e o trabalho ganhou força.

A missão de Recicleide, segundo

Karina, é defender a vida no planeta. É uma missão difícil, ela sabe. Mas pretende contar com a ajuda de cada vez mais pessoas. Por isso, no Rio Vermelho, desde 2004, ela ajuda a organizar um plano de redução, reaproveitamento e reciclagem dos dejetos sólidos e orgânicos produzidos pelos moradores do bairro. O Rio Vermelho faz parte do Aquífero Rio Vermelho/Ingleses, onde é captada a água que abastece o norte da ilha. Uma região delicada, e a maior preocupação dos ambientalistas é que esse aquífero não seja contaminado.

“Pensar globalmente e agir localmente” é um dos lemas de Recicleide, que pretende seguir seus dias de existência no planeta defendendo a natureza, através do que chama de “ecoarte”. Para isso ela arregança as mangas e trabalha duro. “Só vamos ver uma árvore crescer se plantarmos uma”, conclui Karina, com um sorriso largo no rosto.

Foi arregaçando as mangas que a encontrei no mutirão da nascente. Recicleide, vestida com roupas colo-

ridas, todas feitas de materiais recicláveis, dançou, cantou e contou histórias durante toda a limpeza. As crianças, encantadas com a apresentação, prontamente se empenharam no trabalho. Um deles foi Willian Ribeiro Barbosa, de 12 anos, entre os tantos meninos que participaram e acompanharam as dicas de Recicleide. Ele é natural de Lages e morador da Serrinha, em Florianópolis. Foi a primeira vez que visitou a nascente e ficou deslumbrado com o lugar. Willian ajudou muito, pulou cerca de arame farpado para apanhar lixo do outro lado e juntou madeiras para fazer uma barreira para o gado não passar. Não mediu esforços para deixar a nascente bem limpinha. Seguindo os passos de Recicleide, Willian e as outras crianças juntaram vários sacos de lixo. Ali aprenderam que a responsabilidade de cuidar do lixo é de todos os seres humanos. Descobriram que pequenas atitudes diárias, com separar os materiais recicláveis dos orgânicos, podem ajudar, e muito, na conservação da vida no planeta. E principalmente se prontificaram a fazer parte da equipe de Recicleide, em defesa da vida.



O pai que tive e que ficou comigo

Por Sandra Werle
de Florianópolis

Foram vinte anos de ausência, toda uma infância, adolescência e parte da minha juventude. E por incrível que pareça, a imagem que guardo de meu pai é da presença constante, da vigilância, do zelo silencioso.

A ausência é a distância do pai caminhoneiro. O seu rosto vincado, com a barba por fazer, suas mãos de dedos curtos e grossos, manchados pelo charuto, e seus pés grandes e inchados, de caminhoneiro, a sua barriga redonda e grande, de caminhoneiro, só faziam parte da minha vida de vez em quando, entre uma chegada e a véspera de uma partida.

A maior parte das imagens de minha infância são povoadas pela minha mãe, na sua máquina de costura, a reclamar do calor, do frio excessivo, da chuva, da vida. Ou ralhando à mesa, dizendo pra não falar de boca cheia, não sorver a sopa com ruído, não morder os talheres. Todas as coisas que meu pai fazia, quando chegava de viagem e comia sofregamente, às colheradas, garfadas enormes, segurando os talheres com a mão cheia, espalhando migalhas em volta do prato.

Ele tinha também o lado assustador, pintado pela minha mãe: "vou contar pro teu pai, quando ele chegar!", "vocês vão ver só, o Genho não vai gostar nada disso." E quando meu pai Eugênio chegava - que eu achava que de gênio não tinha nada, pois nem terminara a primeira série do primeiro grau - ela já tinha esquecido tudo, e mesmo ele nunca dava bronca nenhuma.

No fundo eu esperava muito por aqueles dias poucos, de muita presença, principalmente quando o sinal da televisão não pegava, só tinha chuvisco e então ficávamos todos no sofá da sala, ouvindo as histórias de quando ele começou a puxar torras, aos 13 anos, ou do primeiro Scania, que dirigiu aos 18. Mas no dia seguinte voltava o sinal, aí ninguém falava, pois tinha a novela ou o Silvío Santos tomando o lugar. E no outro dia tinha outra viagem, transportando milho para o Rio de Janeiro, ou óleo de soja para São Paulo.

O jeito dele de fazer carinho também era aquela falta de jeito de caminhoneiro. O primeiro sinal da sua chegada era o chiado dos freios do caminhão. Corriamos meu irmão e eu, mas não era para receber abraços. Nós buscávamos as toalhas e panos su-

jos do caminhão, recendendo a charuto e suor, um cheiro que só o caminhão do meu pai tinha.

Mas, mesmo assim, quando ele subia em casa sempre tinha uns bombons Amor Carioca, ou balas Neguinha, ou ainda algum brinde do posto de gasolina. Ele nunca esquecia de trazer alguma coisa, só esquecia de dizer que tinha lembrado. Eu não percebia que aquilo era carinho.

Porque eu pensava, mesmo, que meu pai não gostava de mim. E que tudo nele era errado, diferente do que minha mãe dizia que deveria ser. Quando passei no vestibular, em Florianópolis, foi ele que atendeu o telefone e recebeu a notícia. E não falou nada, só passou o telefone pra mãe. Doe um monte aquele pai sem carinho. Depois da sua morte, anos depois, eu soube que ele não tinha mesmo conseguido falar, estava chorando e precisou sair da sala pra disfarçar. Mas quando eu voltava para casa, nas férias, ele me levava no posto, na oficina, me levava no clube de futebol, me mostrava aos amigos e dizia que esta é minha filha que faz jornalismo.

Depois do ataque cardíaco fulminante, a lembrança que ficou dele não é mais daquelas

ausências. É engraçado, mas lembro constantemente da primeira vez em que estive na praia, com a família toda. Num dia nublado fui até a beira do mar, estendi a toalha na areia e dormi. Quando acordei, olhei em volta assustada e lá no alto, na entrada da praia, estava meu pai, em pé, vigiando, em silêncio. Foi assim que ele ficou.

Na verdade foi só quando quem estava longe era eu, e ele já estava em casa, aposentado, tinha um táxi e fazia umas corridas de vez em quando, que eu comecei a reconhecer o jeito de fazer carinho e de sentir orgulho do meu pai. Acho que estar distante das reclamações de minha mãe ajudou. Eu percebi que meu pai foi, na verdade, um gênio da vida. Sem estudo, sem dinheiro, casado com uma diretora de escola que virou costureira depois do casamento, ele criou cinco filhos com o que tirou do caminhão.

Falava alto porque o ronco do caminhão o deixou meio surdo. Era meio brusco mas, principalmente, sabia rir das coisas. Era bem humorado, brega e sábio, e levava no caminhão uma placa onde estava escrito: "Quem não tem tudo que ama, deve amar tudo que tem".



Por Moacir Loth

OSSOS DO OFÍCIO

Despejo da cidade

“Todos têm um ideal. O meu é gostar de ler”. Quem disse isso não foi Marx, Pessoa, Drummond, Cruz e Sousa ou Saramago. A frase foi escrita no dia 23 de julho de 1955. Faz parte do livro *Diário de uma Favelada – Quarto de despejo*, da negra e catadora de papel Carolina Maria de Jesus.

Descoberta no ano que nasci (1958) pelo jornalista Audálio Dantas, Carolina manteve, ininterruptamente, um diário, de 1955 a 1960. Respeitando integralmente os originais, a obra foi publicada em 1960 pela Francisco Alves, com “n” reedições. O livro ganhou o mundo. *Quarto de despejo* foi traduzido em mais de 40 países. O título do livro é inspirado na imagem criada por Carolina Maria de Jesus: “a favela é o quarto de despejo da cidade”.

Carolina também escreveu, com grande sensibilidade, *Casa de alvenaria e Diário de Bitita*. Gostaria de apresentar os leitores da coluna reproduzindo



trecho do diário de 8 de junho de 1958, data do meu nascimento: “(...) os vizinhos de alvenaria olham os favelados com repugnância. Percebo seus olhares de ódio porque eles não querem a favela aqui. Que a favela deturpou o bairro. Que tem nojo da pobreza. Esquecem eles que na morte todos ficam pobres” (...)

“Uma tarde de terça-feira. A sogra de Dona Ida estava sentada e disse:

- Podia dar uma enchente e arrasar a favela e matar esses pobres cacetes. Tem hora que eu revolto contra Deus por ter posto gente pobre no mundo, que só serve para amolar os outros.”

Na página 58, no dia anterior, desabafa... “Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerada marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos.” Boa leitura!

O que é isso, companheiros?

Em menos de um mês, cinco maridos catarinenses ciumentos colocaram uma pá de cal nas companheiras. Em Pomerode, capital brasileira da segurança, onde há zoológico e não tem cadeia, um desgraçado matou a mulher a marteladas e se enforcou durante a Festa Pomerana, época em que a cidade é visitada por turistas de todo mundo. Maria da Penha pergunta: nossos homens estão voltando à “era das cavernas”? Safados!, encheria a boca o Luiz Carlos Prates...

Inês, a Terra, é morta...

A comunidade científica e os países imperialistas finalmente se renderam aos “ecochatos”, que há décadas alertam sobre o aquecimento global. Precisou o pandemônio entrar na porta da “casa branca” para o diabo acordar. O consenso sobre a tragédia só se fez depois que a água bateu no saco, o fogo queimou os fundilhos, as geleiras desabaram sobre as cabeças e americanos e europeus começaram a morrer de calor que nem pintos. Agora é uma questão de tempo para o mar chegar ao Morro da Cruz! A RBS que se paute!

Vende-se uma ilha

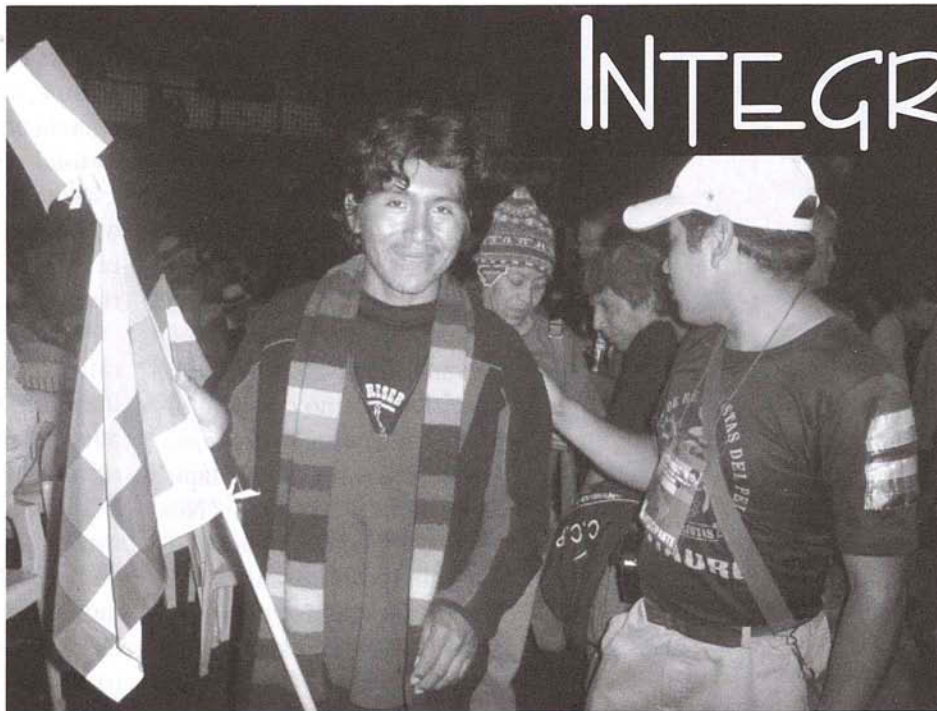
Estivemos num bar – “nosso primeiro lar”, diria o Olsen – onde um grupo de empresários e publicitários estavam tratando da venda da Ilha do Campeche. “Ela tem a natureza. Precisamos agora usar isso para ganhar dinheiro”. Não será surpresa para esta coluna que vos fala se um dia uma madeireira tombar a figueira da Praça XV...

Que mundo é esse?

“Etiópia bombardeia a Somália”. E precisava?

Turistas, atenção!

Estão todo santo dia, à noite, acendendo meia ponte Hercílio Luz. Números à parte, chegará a hora em que um avião do Abin Laden, distraído, dará de cara com o patrimônio da humanidade. Então, dirão que o culpado foi o Bush. O que também é justo!



Avança a
Pátria Grande

Bloco regional busca poder popular

Países debatem alternativa socialista para Américas e Caribe

Por Elaine Tavares,
de Florianópolis

Anunciada pelo teórico alemão Heinz Dieterich, a idéia de um Socialismo do Século XXI – com uma cara autóctone, democracia participativa, caráter nacionalista e anticapitalista - já foi incorporada pelos governos da Venezuela, Bolívia, Equador e Nicarágua. Conscientes de que Abya Yala (Amé-

rica Latina) teve um desenvolvimento muito peculiar, que se diferencia sobremaneira das condições de produção do mundo europeu, a proposta é a construção de um socialismo que esteja dentro da lógica e da cultura dos nossos povos, fora das receitas já experimentadas em outros cantos do planeta.

Para discutir a aliança

entre movimentos populares e os Estados revolucionários para a construção de uma Pátria Grande socialista, ocorreu em Sucre, Bolívia, em novembro de 2006, um encontro internacional. Nele, várias facetas da vida popular foram debatidas para ver como conduzir as lutas sociais na direção do sonho de Bolívar, uma América unida, com gente soberana. É fato

que o continente latino-americano vive agora um novo momento histórico. Sai das democracias submissas e servis e passa para a construção de novas formas organizativas a partir do que ditam os interesses dos povos. E, como o grande provocador das crises é o capitalismo imperial, há que recuperar a identidade e a soberania popular para



Encontro em Sucre
busca caminhos

avançar sobre outras bases que, no caso, se configuram como o socialismo do século XXI.

Dentro da lógica de que há de se criar outras formas de organização social e de poder, uma proposta que vem caminhando por Abya Yala, desde outros encontros como esse em Sucre, é a do Bloco Regional de Poder Popular. Uma organização por país, que vai mais além do Mercosul ou da Comunidade Andina. É a articulação de toda a América Latina e Caribe dentro dos pressupostos da Alternativa Bolivariana para as Américas (ALBA), proposta pelo presidente Hugo Chávez. Neste contexto, a unificação dos movimentos sociais no rumo desta idéia torna-se um grande passo para a realização de uma aliança estratégica, anticapitalista e anti-imperialista, entre povos e governos revolucionários.

A presidente da Assembleia Nacional Constituinte da Bolívia Silvia Lazarte, não vê outra forma de se constituir a pátria grande sonhada por Bolívar, que não seja pela unificação de todas as lutas do continente. “Se estivermos juntos, nada poderá conosco. O movimento indígena que se levanta precisa avançar unido.” No mesmo caminho reflete Huayquimil Vicente, representante do povo Mapuche, do lado argentino. “Nós temos um território, um idioma, uma cosmovisão e vamos lutar para que isso seja reconhecido. E vamos fazer isso juntos.” Marize Oliveira, do Brasil, que estava em Sucre representando a nova Confederação dos Tamoios - que se instituiu no Rio de Janeiro a partir da ocupação de um prédio público - lembrou que o capitalismo não afeta apenas os povos originários, mas todas as pessoas, daí a necessidade de uma luta articulada nos mais amplos setores da sociedade.

O movimento camponês também se expressou em Sucre, no sentido de construir o Bloco Regional de Poder Popular num processo de unificação. Bráulio Álvares, da Venezuela, insistiu que é preciso estabelecer lutas em todos os cantos do continente na defesa dos recursos naturais. “Os nossos movimentos cooperativistas

e revolucionários precisam ter essa responsabilidade. Vamos trabalhar com uma agenda comum, numa guerra total contra o latifúndio, as sementes transgênicas, os interesses do império, rumo a uma revolução agrária e ao socialismo.”

Aguinor Bicalho, o Parafuso, do MST brasileiro, lembrou que o Brasil é o país que mais concentra terras no mundo e falou sobre a luta que o MST vem desenvolvendo desde a década de 1980. “Nós acreditamos no poder da educação e da formação. Temos feito isso. Existe uma força maior que a das armas. É a força dos pobres organizados.” A representante dos camponeses colombianos, Edília Mendoza Roa, falou dos crimes e dos assassinatos que são cometidos diariamente na Colômbia pelo governo de Álvaro Uribe e pelos paramilitares. “Nós defendemos a paz, a produção de alimentos e o socialismo. Queremos que Uribe faça um acordo humanitário, que cesse a morte e a migração forçada. Mas, para isso, precisamos que todos estejam conosco”.

No rumo deste novo socialismo também foram debatidos temas como o direito à vida, a batalha pelo respeito aos direitos humanos, a busca de uma união real entre todos os

“Nós acreditamos no poder da educação e da formação. Temos feito isso. Existe uma força maior que a das armas. É a força dos pobres organizados.”

Aguinor Bicalho

trabalhadores do continente, a necessidade de invenção de novas idéias para lidar com uma realidade nova, o compromisso dos intelectuais, soberania, energia, forças armadas renovadas e democráticas, enfim, uma infinidade de assuntos que ainda precisam de muito mais discussão.

Angel Cadelli, trabalhador do Astillero Rio-Santiago, da Argentina, alertou para o fato de que há uma tendência revolucionária na América Latina que rechaça a exploração, a morte e o desemprego, daí a possibilidade de uma articulação real. “Temos que superar as fronteiras políticas que só dão conta da última guerra entre irmãos. Nós estamos em casa em cada um dos países. Precisamos criar um socialismo que não seja dogmático, que seja comprometido com o destino popular.”

A proposta de Cadelli é articular uma organização obreira por ramos de atividade, considerar os desempregados como trabalhadores com plenos direitos, unir todas as forças. “Não é certo que a sociedade marcha inexoravel-

mente para o socialismo. É a nossa vontade, é o nosso povo organizado que marcha. Por isso, temos que criar novas verdades teóricas, criar critérios de unidade no método. Nosso discurso precisa se fazer nos atos. O império sempre vai dizer que estamos perdendo. Nós não podemos acreditar nisso. Temos que ir em frente”.

O encontro de Sucre decidiu levar aos presidentes dos países latino-americanos quatro grandes indagações que precisam de respostas urgentes. Por que seguem pagando a dívida externa que tanta sangria já provocou? Quando serão expulsos os militares gringos e a suas bases militares da Pátria Grande? Quando serão reativados o campo e a industrialização, na lógica do desenvolvimento endógeno, para garantir a soberania dos países? Quando haverá forças armadas democráticas e forças de defesa populares para defender a Pátria Grande?

Estes questionamentos são os que vão “sulear” as lu-

tas de 2007. No encontro de Cochabamba, em dezembro de 2006, quando foi entregue o documento, os presidentes não deram respostas, mas prometeram discutir. Além disso, amarraram decisões no campo da integração energética que são muito importantes para a integração sonhada. Para os movimentos sociais em ascensão na América Latina, já faz muito tempo que a luta não é mais de resistência ao neoliberalismo. Em vários pontos de Abya Yala estão conformadas novas propostas, novas práticas e aquilo que se vislumbrava apenas como promessa já é realidade. Um novo conceito de poder caminha pela Pátria Grande. É a hora do mandar obedecendo, ou seja, a sede do poder não está no governante, mas no povo. É uma viragem, uma mudança radical, ainda incompleta. Mas, de alguma forma, avança. Manter esse rumo é o desafio de todos.

**PROJETO
AMÉRICA
LATINA
PALAVRA
VIVA**

Cursos e Oficinas de Espanhol e Inglês

Projetos Especiais

48-3269-8158 / 9622-9128 / 9606-7971 amlapav@gmail.com

Caminhando na beleza

Por Elaine Tavares
de Florianópolis

Ali estava eu, enfrentando meus medos. Sozinha, sentada bem no meio do avião. Havia perdido um lugar no corredor, por conta do temor. Uma coisa meio estúpida já que dentro do avião não faz diferença. Ainda assim, me sinto mais segura. Mas, ao entrar, uma mulher, mais nervosa do que eu, insistiu para trocar de lugar. Ela estava na janela, e sua. Cedendo à opressão da bondade deixei a mulher ocupar meu lugar e lá fui para o assento da janela. Foi a minha vez de começar a suar. O vôo era de La Paz à Santa Cruz de la Sierra, e seria a primeira vez que eu cruzaria a cordilheira dos Andes num avião. Daí o medo. Sempre vêm à mente aquelas cenas de acidentes nas montanhas e coisas assim.

Sem saída, enterrei a cara num livro do Enrique Dussel que havia comprado em Sucre. As 20 teses sobre política. Julguei que me distrairia com o debate, sempre original, do filósofo argentino/mexicano e o tempo de vôo passaria num átimo. E ali fiquei, entretida na idéia de que o poder, se for obedencial, não é ruim nem corruptor. Genial esse homem! Minha cabeça fervilhava em orgasmo intelectual.

Foi então que senti, do lado de fora do avião, uma presença.

Pelo canto do olho percebi que havia algo ali, naquelas alturas. Meu corpo se retesou, os cabelos arripiaram todos. Uma espécie de gelo me tomou inteira. Como poderia haver algo lá fora, naquela altura? Então, lentamente, despeguei os olhos do livro de Dussel e enfrentei o pavor. Vi-rei a cabeça e me deparei com a visão mais incrível que já pude presenciar.

Bem ao lado, quase sendo possível tocá-la, se descortinava a espinha dorsal de Abya Yala: os Andes. Nunca pensei que pudesse ser tão belo. Eu, que já havia caminhado por suas entranhas, nas longas viagens de ônibus, não tinha noção do que seriam, vistos assim, do alto. O avião passava tão perto, meio em paralelo. Da janela, podiam-se ver as neves eternas e quase sentir sua textura. Aguçando a vista, dava para ver as trilhas feitas pelos animais andinos - ou pelos homens - nos pontos mais baixos. Foi um momento sagrado. Sem que eu pudesse conter, as lágrimas me foram caindo, numa volúpia de emoção. Eu, guria nascida na planura missioneira do Rio Grande do Sul, lugar de onde só se pode vislumbrar o infinito, agora provava daquela visão andina, concreta, numa hora mágica.

Observei que o lugar onde eu estava sentada era o centro do

avião e percebi que aquela posição conformava também o centro da "chacana", a sagrada cruz andina dos povos originários. E que, agora, dentro de mim, também se desenhava essa figura mítica das gentes do meu continente. Nascida na planura, criada no cerrado mineiro, vivendo em frente ao mar, agora provava da beleza dos Andes. O grande círculo dos quatro cantos estava fechado. Ninguém mais pode ser o mesmo depois desta experiência. Ali se conformava minha alma *abyayálica*. Ali se definia, agora com mais vigor, essa decisão de assumir uma identidade autóctone.

Os Andes, o mar do Brasil, as planuras das "misiones", o cerrado, tudo isso é a expressão da Pachamama, a grande mãe. A visão majestosa das montanhas andinas tornou mais forte a certeza de que nesta terra grande, nesta "nuestra" América, nesta Abya Yala, podemos ser algo mais do que imitadores baratos de uma cultura imposta. Por todo o continente se levantam as gentes originárias recuperando seus deuses, seus credos, suas formas organizativas. Ensinam eles que, antes da conquista, aqui viviam homens e mulheres que tinham outros modos de se relacionar com a terra, com a água, com as matas, com as pessoas e os animais. Um outro jeito, nunca

respeitado. E que foi solapado, subsumido na dominação.

Mas, agora, aí estão, vivos, se expressando, crescendo. Porque nunca morreram. Porque estavam latentes, ou disfarçados, esperando a hora histórica, que chegou. E, assim como os Andes, gigantes, magníficos, belos, os povos originários irrompem na vida social dos países de toda Abya Yala dizendo, bem alto, a sua palavra, exigindo respeito às suas culturas, línguas e modos de vida. Quéchuas, aymaras, guaranis, mapuches, mocovís, charruas, kollas, kunas, caraíbas, pataxós, navajos, tantos...

O grande sol, Inti, se derramando sobre os Andes, bateu na brancura das neves eternas, Pachamama espreguiçou. O condor bateu, forte, as asas, as llamas correram, brincalhonas, os cuys saltitaram alegres. No céu, a pura paz. Nos caminhos, lá embaixo, os aymaras da Bolívia - mais antigos que os incas - seguiam suas vidas, mais fortes do que nunca. E eu, hipnotizada, agora entendia o segredo já sussurrado pelos povos navajos: "Beleza em cima, beleza em baixo, beleza pelos lados. A vida é um caminhar na beleza". E assim será, melhor, quando vencermos e superarmos o capitalismo predador. Esse dia vai chegar, pela força das gentes!

Guardiãs da fé

Benedeiras aliviam dores do corpo e da alma

Por Marcela Cornelli,
de Florianópolis

Quando tinha 11 anos, Inês Maria da Cunha Salasário foi chamada pela avó, Rosa: “Quero passar para você meus conhecimentos. Você quer aprender?”. Inês disse que sim, mas na época dispensou pouca atenção ao que ouvira: “Achava minha avó muito chata e não dei muita importância. Minha avó era analfabeta. Ela então me ditou as palavras para cada benzedimento. Eu anotei. Li três vezes e nunca mais esqueci”. Mas, apesar disso, Inês só começou a benzer anos mais tarde. “Lembro-me que ela disse: ‘você vai ficar com o meu dom para fazer o bem, mas, para isso, você deve me prometer nunca cobrar nada das pessoas que te procurarem’”.

Anos se passaram e Inês, que nasceu na comunidade de São Roque, interior da cidade de Gravatal, oeste catarinense, casou-se com João, seu companheiro até hoje, e foi morar na capital paulista. Um dia bateu à sua porta uma mulher pedindo para benzer a filhinha que estava muito doente. Inês ficou surpresa porque nunca, desde que se mudara para São Paulo, havia contado a alguém sobre o que a avó lhe ensinara. Até então não havia benzido ninguém. “Acho que foi intuição daquela mãe. Fiquei impressionada. Depois disso, comecei a benzer”.

Hoje, aos 41 anos, mãe de quatro filhos, Inês vive em Florianópolis e continua seguindo sua missão de fazer o bem: “Eu nunca me esqueci dos ensinamentos de minha avó. Acredito nos ensinamentos populares e os respeito. A fé que a pessoa tem de que vai ser curada é que faz com que os benzedimentos dêem certo”.

No quintal de casa ela planta as ervas medicinais usadas nos chás e benzeduras que faz para vizinhos e pessoas que vêm de outros estados pro-

As rezadeiras usam
Águas da chuva e do rio
Curam as dores do corpo
Cisco no olho, espinhela caída
As benzeduras vão
Com fé na oração
Curando nossas feridas ...
(Trecho da música *Benedeiras Guardiãs*, de Martinho da Vila)

Fotos: Marcela Cornelli



Inês mostra as ervas colhidas no quintal de casa e usadas no preparo de chás e para as benzeduras

curando ajuda. Inês benze cobreiro, “arca caída”, mau-olhado, “sapinho”, zipela (erisipela) e faz um preparado com 17 ervas, que chama de garrafada, para hepatite. Ela diz que só vai parar de benzer quando se sentir cansada para continuar sua missão e que antes disso quer repassar os ensinamentos para outra pessoa.

Para benzer cobreiro Inês usa uma faca para cortar folhas de limão enquanto faz as rezas. Para torção ou “mau-jeito” ela utiliza um pano branco que vai sendo costurado com linha e agulha. O pano é guardado e só jogado fora quando a pessoa retorna dizendo que está curada.

A casa é cheia de santos católicos, mas é com Nossa Senhora da Aparecida que ela mais se apegar. Cozinhando no fogão à lenha, Inês mantém o jeito simples da vida no interior e está sempre com as portas abertas para receber quem a procura. Nunca pede nada em troca. Apenas diz se sentir bem e feliz podendo ajudar outras pessoas.

Sua jornada nem sempre foi fácil. Num acidente doméstico Inês sofreu queimaduras graves e chegou a ficar em coma e internada em UTI até poder se recuperar. “Mesmo depois de tanto sofrimento, continuei minha missão. Às vezes sirvo de conselheira. Algumas pessoas vêm até mim para conversar, falar de problemas pessoais e familiares. Aí nem benzo, só escuto, aconselho no que posso e a pessoa vai embora aliviada, agradecendo. Mas sou eu quem fica mais satisfeita”.

Formada em Ciências Sociais com mestrado em Antropologia pela Universidade de Campinas (Unicamp), Elda Rizzo de Oliveira escreveu o livro “O que é benzeção?”, editado pela Brasiliense, no qual fala sobre a importância das benzedei-ras na sociedade. “A benzeção é veiculada por

meio de um profundo respeito pela vida, de uma forte valorização da solidariedade, da defesa da ecologia ao recuperar as plantas saudáveis para reproduzir curas e pela proximidade, nas longas e calorosas conversas. Com o partilhar dessas experiências, ela multiplica e democratiza o seu saber, reduzindo a angústia do cliente”.

Ela também defende que a benzeção sintetiza uma proposta de “reflexão que não é guiada por critérios capitalistas, como a busca do lucro e o individualismo, da opressão, da exploração, mas ao contrário, é marcada pela sensibilidade, imaginação, criatividade e calor humano”.

Sejam elas benzedei-ras, rezadeiras, curandeiras, o que marca a vida dessas mulheres, que compartilham saberes e dividem solidariedade, é a fé que levam consigo e uma enorme vontade de fazer o bem.



Ao lado do marido João, Inês sorri feliz com a certeza da missão cumprida: compartilhar ensinamentos e fazer o bem



Erramos

Na edição passada, no último parágrafo da matéria “Mãos que tecem solidariedade”, faltaram algumas palavras. Completo, o parágrafo ficaria assim:

Irmã Luzia diz, entusiasmada, que o objetivo e vontade de todas é que o grupo de economia solidária se transforme em uma grande cooperativa e se expanda dentro e fora da comunidade, integrando cada vez mais mulheres. Força, coragem e capacidade para isso, essas mulheres têm de sobra.



as delícias de Su & Li



Uma coluna
culinária
com o carinho da
vovó,
a dedicação da
mamãe
e o tempero da
mocinha...

Uma receita é sempre mais do que uma receita. Cada ingrediente, cada porção e procedimento são ensinamentos que passam de mãe para filha, para nora, para aluno ou aluna... Em muitos casos guardam histórias de família ou traços culturais que sobrevivem a muitas gerações.

Comer pode ser uma forma de matar a fome. Ou um jeito de contar uma história. Uma diversão, um ritual... Enfim, o que não faltam são bons motivos para um encontro na cozinha seguido de uma deliciosa reunião em torno da mesa.

Por isso resolvemos propor essa seção na revista *Pobres & Nojentas*. A cada edição, queremos apresentar receitas num bate-papo, tentando trazer sabor e boas histórias.

Para inaugurar, vai uma pequena e boa história de um povo:

Na parede de minha cozinha tenho duas receitas que têm um significado especial para mim - a primeira, de minha sogra que, com paciência e superando qualquer forma de apego, ensinou-me um prato que por sua vez aprendeu de sua sogra (a dela, no caso); a segunda - a receita do quibe - aprendi de minha mãe e já ensinei para minha filha.

Foi a maneira que encontrei de homenagear estas mulheres maravilhosas que fazem parte de minha vida.

O povo árabe tem uma história milenar e foi um grande conquistador até meados do século XI quan-

do o grande império, que compreendia o Oriente Médio, parte da Ásia, norte da África, Sicília, Espanha e Portugal, foi perdendo espaço para um novo sistema-mundo.

Geração a geração, persistentemente cultivaram seus costumes, e a culinária foi um dos "tesouros" que mantiveram vivo. Cada família certamente possui uma versão única de receitas que foram ditadas boca a boca e que se mantiveram durante todos esses anos.

Nós temos as nossas.

Repasso a receita com a esperança de que você tenha bons momentos ao prepará-la.

Quibe

Ingredientes

- 1 kg de patinho ou coxão mole, limpo, sem nervos e gorduras, moído duas vezes
- 2 cebolas raladas ou bem picadas
- 3 xícaras (chá) rasas de trigo fino
- 1 xícara (chá) de salsinha e folhas de hortelã bem picadas
- noz moscada
- canela
- sal a gosto

Modo de Preparo

Escalde o trigo. Lave-o em muitas águas, até a água ficar transparente. Depois esprema o trigo, até eliminar toda a água.

Adicione os outros ingredientes. Misture tudo, até que a massa fique uniforme, a ponto de não se conseguir distinguir os ingredientes.

É necessário misturar e remisturar várias vezes, para que a massa fique homogênea. Se possível passe tudo em uma máquina de moer carne.

Em seguida faça os bolinhos.

Sirva cru ou frito.

La Violeta Parra

Por Raul Fitipaldi,
de Florianópolis

Para traçar seu perfil heróico a mulher latino-americana criou vários caminhos, imprimiu sua destreza em várias artes da luta. Talvez nenhum tenha sido tão manifesto como a cultura. Dentro dela a literatura e a música têm se destacado e possuem um espaço inigualável no cotidiano coletivo, desde as primeiras lutas pela independência. Do paraíso da memória popular, onde não aparecem criminosos e apátridas como o foragido em morte Augusto Pinochet Ugarte, chegam até nós singularmente a firmeza, a candura, a beleza e a abundância da obra heróica, continua, coerente e claramente libertadora de Violeta Parra. Obra que não se suspendeu quando seu corpo foi se reunir com seus iguais da flora e da vegetação andina.

***“Um olho deixei nos lagos/
por um descuido casual; o outro ficou em Parral/ em um boteco de tragos./ Recordo que muito estrago/ de criança viu minha alma:/ Misérias e aleivosias/amarram meus pensamentos;/ entre as águas e o vento/ perco-me na distância.”*** Esta *Exilada do Sul chileno nasceu na cidade de São Carlos, região de Chillán. De família até hoje vinculada ao fazer da cultura e da educação, a ícone da canção chilena teve um pai professor e sobretudo uma mãe camponesa, cantora e tocadora de violão (e com tempo para criar nove filhos). No poema-canção que inicia o parágrafo, partilhado com Patricio Manns, sentença sobre sua ida

para o centro do Chile: *“Desembarcando em Riñihue/viu-se a Violeta Parra/Sem cordas no violão,/sem folhas na taquara./ Um bando de pássaros/ veio lhe dar um concerto./Desembarcando em Riñihue/Viu-se a Violeta Parra.”*

Casou-se com Luis Cereda e acrescentou dois artistas à genealogia dos Parra: Isabel e Angel. Esses filhos compuseram e interpretaram com a mãe até que ela enveredou para as bandas da lembrança ativa, nunca póstuma. De tal sociedade familiar nasceu, com a contribuição de Luis Advis a Denúncia que retrata no corpo da poesia o compromisso de Violeta com os oprimidos. *“... É uma infâmia muito dura/ que não se salvem do fosso./ A dor é oprobriosa/ e pergunto de saída/ se a justiça na vida/ existe pros maltrapilhos.”* Mãe e filha (Violeta e Isabel) acrescentaram em *O que mais quero*: *“O sol que eu mais quero/começou-se a nublar;/ meus olhos de nada servem,/ os mata a escuridão./Sem abrigo e sem a sombra/sem água, sem a luz/só falta que uma faca/me prive da saúde.”* Violeta colocou na sua poesia o amor duro da luta libertadora, a denúncia da injustiça social e a defesa dos valores indígenas, especialmente dos mapuches.

Irmã do imenso poeta Nicanor Parra, gravou e recompilou o folclore chileno, que tomou como bandeira e precipitou como fuzil, em particular contra a invasão norte-americana e sua coloni-





zação cultural. Luta e canto a levaram à Velha Europa, onde deu testemunho, com presença soberana, tenra e indômita, da América Latina que não é um sub-produto desses que Hollywood costuma

enlatar, especialmente desde a Guerra Fria e a maldita Aliança para o Progresso. Respeitou e divulgou as crenças dos habitantes indígenas e sua mistura com as cristãs: *“Já vai-se para os céus/esse querido angelzinho/Vai rogar por seus avós/pelos pais e irmãozinhos./ Quando morre a carne/ a alma procura seu sítio/dentro de uma amapola/ ou dentro de um passarinho.”* Violeta morou em Paris durante dois anos. Antes tinha ido além da música e interpretado seu pensamento mestiço na pintura, na escultura, no humor típico das faldas andinas, tudo o que carregou até o Louvre. Tinha criado para que o povo apreciasse e antes apresentou suas obras nas feiras populares de arte. Continuou marchando à conquista das mentes que descobriam outra América Latina, a verdadeira, esta que reaparece no século XXI com todo o vigor que emanava de Violeta, de Victor Jara, de Pablo Neruda. Porém, esse vigor rigoroso com ela e com o inimigo, pela culpa do amor incompreendido, colocou a bala do suicídio na sua mão, no lugar do violão.

Prosas e marchas depois, seu reclamo tantas vezes expressado, melhor entendido na Europa e no resto da América Latina que no próprio Chile, teve uma chance com

a Unidade Popular, abruptamente interrompida por outra bala, suicida ou homicida, pouco importa, porque a história a demonstrou homicida, quando Salvador Allende caiu pelos degraus de La Moneda. A ironia que tanto serviu a Violeta Parra para irritar os donos deste Chile ainda dividido, conservador pela cruz e pela espada, vital pela pluma e o canto; ocioso pela exploração e o *american-way-of-life* e heróico pelas mãos de mineiros e mapuches, dos pingüins e das mulheres que se aproximam da mesa da qual o machismo, a igreja e o exército apenas lhes deixavam roer as migalhas, conjuga mais uma incidente e repentina dramaturgia olímpica. Em 5 de fevereiro de 2007 terão passado 40 anos da viagem inesperada e brusca de Violeta para o centro do nosso amor latino-americano. Terão transcorrido apenas dois meses da lenta, morosa, impertinente fuga do assassino do Governo Popular que ela não presenciou. Chegará às ruínas do esquecimento preciso Pinochet, que não pôde acabar com a vida de Violeta Parra como acabou com Salvador, onde será julgado pela pluma e o canto vitoriosos da maior representante de um Chile livre, que mais tarde ou mais cedo virá. Augusto Pinochet Ugarte morreu, Violeta Parra vive.

“Vem cá, vem cá presente meu/a morte que te quero/que te quero perguntar/onde estiveste ontem/a morte que me fizeste/ que me fizeste desvairar/ a morte vem cá/ vem cá presente meu/ai, vem cá presentinho/a morte pra perguntar-te/onde estavas esta noite/a morte que não chegaste sim/ a morte não me escreveste/onde estavas esta noite/a morte que não voltaste/certo que não vieste/ que te foste e não voltaste.”

*Títulos das canções

Augusto Pinochet Ugarte morreu, Violeta Parra vive



DIREITOS DOS ANIMAIS



Foto: Míriam Santini de Abreu



Protetora acolhe
cães e gatos
abandonados
nas ruas

Por Míriam Santini de Abreu,
de Florianópolis

Menina em Porto Alegre (RS), ela não podia ouvir miados vindos de lugares incertos da rua. Só a quietava tirar o gato do sofrimento do abandono. Adulta, e já professora, estimulava os alunos a tratar bem os bichos. Há 21 anos, quando se mudou para Florianópolis, o que era sensibilidade pessoal virou missão. Shirley Guerra, hoje aposentada, decidiu fundar a Associação de Proteção aos Animais, APA. Atualmente 13 cães encontram, na casa dela, no bairro Bom Abrigo, em Florianópolis, um refúgio contra os maus-tra-

tos e a fome.

Já foram mais. O endereço de Shirley virou referência de lugar para abandonar bicho. Machos e fêmeas, de raça ou de rua, sadios ou doentes, eles eram amarrados na cerca da casa ou deixados na porta. O recorde, 23 em um único final de semana. A vizinhança não gostava, e adotar poucos queriam. Até que, por decisão judicial, ela foi obrigada a se desfazer dos animais. "Socorro para os habitantes da APA... Salve-nos" eram trechos dos cartazes com imagens de cães que Shirley

pendurava por onde passava para encontrar novos donos para os desalojados.

Ainda hoje, ela recebe ameaças veladas ou explícitas. Num dia de chuva de novembro passado, a cadela Hi-Lili Hi-Lo foi enforcada, o que, mais uma vez, levou Shirley a fazer denúncia em emissoras de rádio e jornais. Foram palavras carregadas de indignação de quem vê, no dia a dia, animais afogados, envenenados, degolados, mortos a pauladas e até queimados. “O animal à deriva é sujeito a todos os tipos de barbárie”, lamenta.

Não se safam nem os cachorrinhos com *pedigree*. O *poodle*, que parece um cão feito de lã, é um dos mais abandonados. Há pouco tempo, Shirley resgatou dois deles e um *pinscher* num hipermercado da capital. Para ela, o abandono tem causa precisa: “O animal é tratado como objeto de consumo descartável, na lógica de comprar, usar e jogar fora. Passa o entusiasmo, e a família quer se livrar dele... São como gigolôs e cafetinas de cães e cadelas, e ainda permitem que eles dêem crias.” É a reprodução do abandono. O bicho é tratado como um pedaço de carne à venda.

Ela já desencadeou várias campanhas na capital, estimulando, entre os donos de bichos, o uso de anticoncepcionais e a prática da esterilização para evitar o nasci-

mento de filhotes. Distribuindo folhetos, visitando bairros próximos de onde mora ou escrevendo artigos e crônicas para jornais, Shirley deseja que as pessoas reflitam sobre as implicações de possuir um animal. Uma delas a protetora adota diariamente, recolhendo, com uma pá de cabo longo, os excrementos que os seus bichos deixam depois de “esticar as patas” na rua.

A dor que os bichos sofrem no abandono

leva Shirley a defender uma medida polêmica, a eutanásia. Muitos protetores – como são chamadas pessoas que se dedicam aos bichos – dizem que o cão ou gato de rua pode ficar solto se houver uma política pública séria para dar eles os cuidados necessários e estimular a adoção. Mas Shirley diz que não é assim. “É muita mais gente deixando o animal dar cria para depois abandonar do que querendo adotar”. O animal doméstico, diz ela, precisa de companhia, tem necessidade de contato humano. Quando é largado nas ruas, fica sozinho, sem alimento, alvo de maldades. Se recolhido a um canil e não-adoptado, se mantém isolado. Nesse contexto, avalia Shirley, a eutanásia tira o animal do sofrimento.

Atualmente, segundo resolução de 2002 do Conselho Federal de Medicina Veterinária, a eutanásia é indi-

cada quando o sofrimento do animal não puder ser aliviado por analgésicos, sedativos e outros tratamentos, quando ele constituir ameaça à saúde humana ou animal, ou for objeto de ensino ou pesquisa.

Calcula-se que existam 10 mil cães abandonados em Florianópolis. Entre 2005 e 2006, a Coordenadoria do Bem-Estar Animal da Secretaria Municipal de Saúde fez cerca de 8 mil cirurgias para esterilizar animais. O procedimento é oferecido gratuitamente, desde que o dono do bicho tenha renda de até três salários mínimos.

Cifras milionárias envolvidas nos cuidados com saúde e alimentação ajudam a entender o estímulo a quem deseja ter um animal. *Sites* especializados no mercado de *pet shops* informam que o Brasil tem cerca de 30 milhões de cães e 12 milhões de gatos. O gasto médio dos donos, por ano, é de R\$ 390,00, incluindo ração, produtos farmacêuticos, vacinas, embelezamento e acessórios. O faturamento anual do setor chega a R\$ 16 bilhões.

Fora da lógica de mercado, a filosofia também reflete sobre a relação entre humanos e outros animais. O australiano Peter Singer defende que a sensibilidade e a consciência de si sejam usados como critério para defender o princípio ético em relação aos animais. Assim,

não seriam considerados dignos de respeito apenas os que possuem razão e linguagem, caso dos seres humanos, como se unicamente de razão e linguagem dependesse o valor de uma forma de vida. Outro autor, Tom Regan, propõe que sejam declarados dignos de consideração moral os seres sujeitos de uma vida. Isso incluiria todos os seres que têm a capacidade de distinguir, pela própria experiência, o bem-estar do mal-estar em sua forma particular de vida. E se essa forma particular de vida se dá no corpo de um cão, ela sente dor e prazer, e sabe distinguir entre eles.

Na sala repleta de caixas com documentos da APA, rodeada por cães estirados nas poltronas e no chão acompanhando a conversa, Shirley recita uma frase atribuída a Leonardo da Vinci: “Chegará o dia em que os homens conhecerão o íntimo dos animais, e, neste dia, um crime contra um animal será considerado um crime contra a humanidade.”

Em seu livro “O homem e o mundo natural”

(Companhia das Letras), Keith Thomas observa que, nos tempos passados, a desumanização de uma vítima de perseguição religiosa, chamando-a com o nome de outro animal qualquer, era o primeiro passo para cometer atos cruéis.

Piores momentos de Pobres & Nojentas!

Ao passar entre arbustos numa área movimentada, ouve um barulho. Curiosa, pára e espicha o pescoço para averiguar. Nisso, uma pomba voa assustada com o grito estridente da curiosa, que vira alvo de riso de quem passa pelo local.

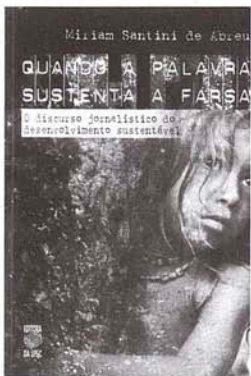
Distraída com a leitura de *Pobres & Nojentas* na volta para casa, entra no ônibus errado e vai parar num bairro que mal conhece.

Vai falar sobre *Pobres & Nojentas* na tevê. Para não fazer feio, leva maquiagem, mas não nota que o produto estava vencido. Ao passar o pó, a esponjinha se esfarela no rosto e suja a roupa. Morta de vergonha, pede aos maquiadores da apresentadora que consertem o serviço!

Inconformada com o péssimo estado de conservação do túmulo da família, quase “raspa” a poupança para fazer reforma e pintura. Na hora de conferir o serviço, emocionada, beija os dois pedreiros no rosto e diz que já pode morrer em paz.

Muda de apartamento e compra cama Box cheia de estilo, mas não dorme no quarto por causa do barulho na rua.

Jornalismo e meio ambiente



A jornalista Miriam Santini de Abreu lançou o livro “Quando a palavra sustenta a farsa: o discurso jornalístico do desenvolvimento sustentável”. Publicada pela editora da Universidade Federal de Santa Catarina (EdUFSC) dentro da Série Geral, a obra analisa a cobertura da questão ambiental pela mídia, enfocando, de forma inovadora, o espaço geográfico e sua relação com o discurso ambiental. O livro, com 180 páginas, custa R\$ 22,00. O endereço eletrônico para compra é misabreu@yahoo.com.br

Assine *Pobres & Nojentas*

5 edições (bimestral): R\$ 22,50 (estão inclusas as despesas com o Correio)

- Deposite o valor na conta do Banco do Brasil nº 618-714-5, agência 0016-7
- Envie e-mail para eteia@gmx.net informando: data e hora do depósito, nome e endereço completo (com CEP)

DiCAS

A página *Estante Virtual* reúne os acervos de 423 sebos e livreiros de 106 cidades do país. É bem diferente de entrar em um sebo “real”, sentir a textura e o cheiro dos livros velhos, tirar um a um das estantes... Mas é um bom lugar virtual para buscar livros com preços mais em conta. Os vendedores informam o estado dos exemplares e completam informações por telefone. Os leitores cadastrados também podem ter sua própria estante virtual e vender livros de acervo pessoal. Há várias formas de pagamentos, com entrega pelo Correio. A página é www.estantevirtual.com.br

#

É encantador o trajeto formado por ruas asfaltadas, plataformas de madeira e escadarias que contorna o bairro Bom Abrigo, em Florianópolis. Quem tem troco sobrando pode parar num barzinho e tomar suco. Caso contrário, vale aproveitar a caminhada. Pena que a falta de rede sanitária adequada impeça o uso da praia.

Caminho

Minha poesia é um esconderijo.
Buraco úmido que guarda sentimentos nada nobres
e até minha dor.
Minha poesia é generosa
e acolhe com a mesma doçura
minha alegria solta e exagerada.
Minha poesia é um porto seguro,
um ombro amigo.
Minha poesia é frescor
para as tardes de verão
e chuva cantante
para as securas da existência.
Minha poesia é quase mãe,
mais que irmã,
menos que um amor,
um pouco de filha.
Minha poesia tem a capacidade de desnudar,
tudo o que realmente sinto e sou,
nas horas que ela determina.
Minha poesia me encontrou menina
e na minha inocência,
ela foi sonho.
Na maturidade,
é o caminho que percorro
para não me perder.

Por Rosângela Bion de Assis
de Florianópolis

